

PERFIL PSICOLÓGICO DO OFENSOR SEXUAL

*Maria Emilia Marinho de Camargo*¹

*Marisa Fortes*²

*Irene Erlinger Calabrez*³

1- *Maria Emilia Marinho de Camargo é psicóloga e forense, especialista em Psicodiagnóstico de Roscharch e Neuropsicologia, membro do NUFOR (Núcleo de Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica do HCFMUSP) e professora convidada do Núcleo de Estudos de Criminologia (NECRIM) da Acadepol – Academia de Polícia Civil “Dr. Coriolano Nogueira Cobra”;*

2- *Marisa Fortes é jornalista e psicóloga clínica, mestre em Psicologia Social pela Universidade São Marcos (UNIMARCO), especialista em Terapias Cognitivo-Comportamentais e Medicina Comportamental pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Advanced Training in Rational-Emotive & Cognitive-Behavioral Theory and Techniques pelo Albert Ellis Institute de New York/USA e professora convidada do Núcleo de Estudos de Criminologia (NECRIM) da Acadepol – Academia de Polícia Civil “Dr. Coriolano Nogueira Cobra”;*

3- *Irene Erlinger Calabrez, psicóloga, especialização em Psicologia Jurídica e Psiquiatria Forense, executiva pública do Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo.*

Monstros não se aproximam de crianças, homens gentis, sim.....

Ray Waine

Uma criança certa vez perguntou ao seu pai, conceituado estudioso da dinâmica do crime sexual, mais precisamente da pedofilia: “Papai, é verdade que as pessoas que sofreram abuso têm paredes em seus corações que impedem que sejam felizes?”. O intuito desse capítulo é, portanto, fazer com que as pessoas saibam como é a mente de um ofensor sexual e através deste conhecimento, tornar as “paredes do coração” de indivíduos que foram vítimas de abuso sexual menos intransponíveis, tornando-os mais permeáveis à reconstrução de suas identidades.

Falar de “abusadores sexuais de crianças” para um público médio ou até mesmo para profissionais sugere imediatamente terapias radicais, como castração e outras, afinal, abusadores sexuais são perversos, esquisitos e monstros. O vizinho, pastor, pai, tio, amigo e padre simpático não são monstros, logo, não podem ser abusadores de crianças.

Porém a concepção de que os abusadores de crianças são, de alguma forma, diferentes do resto de nós é errada. Eles podem ser amigos leais, bons empregadores e membros responsáveis da comunidade. O psiquiatra Fred Berlin observa:

As idéias e opiniões expressas nos artigos são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões do Conselho Editorial.

“As pessoas com frequência confundem traços de caráter com questões de orientação sexual ou tipo de interesse sexual que um indivíduo tem. Pessoas que são pedófilas compulsivas, por exemplo, pode obedecer à lei de outras formas, podem ser responsáveis no trabalho, podem se preocupar com os outros.” (Knoop, 1984, pg.9)

Mesmo estupradores de crianças ditos furiosos (uma minoria dos abusadores, sem dúvida) podem se comportar normalmente em público. Eles podem ter uma namorada ou esposa, podem ser populares. Por que homens – e algumas mulheres – abusam de crianças? Isso não faz sentido para a maioria de nós. Nossa dificuldade coletiva em acreditar que alguém que conhecemos possa abusar de uma criança é, em parte, devido a nossa dificuldade de entender porque qualquer um faria tal coisa.

Os pedófilos existem, assim como homens que abusam de crianças por outras questões. Os agressores sexuais não cometem abuso porque são magicamente enfeitiçados por crianças agressivas e sedutoras, nem porque estão “compensando as frustrações orais infligidas pela mãe” (Lusting et. al). Não é devido ao álcool ou ao estresse de suas vidas. Nem é porque eles simplesmente “estão apaixonados” e a diferença de idade é irrelevante. A diferença de idade é sempre relevante. Na verdade, ela é o cerne da questão. Uma proporção considerável deles abusa de crianças simplesmente porque é atraída sexualmente para essa faixa etária. Eles têm o que é mais freqüentemente chamado de “padrão de excitação perverso”.

Enfim, o que é o abuso sexual em criança?

“O abuso sexual em crianças pode ser violento, mas a maneira pela qual é infligido não envolve violência nenhuma. A maioria dos abusos sexuais implica uma

lavagem cerebral sutil da criança, que é recompensada com agrados ou com mais amor e atenção ou, ainda, subornada para se manter quieta.”

Survivors Swindon, organização de auxílio a adultos sobreviventes de abuso sexual quando criança

O ASC (Abuso Sexual em Criança) integra um conjunto de abusos que uma criança pode experimentar. As quatro principais categorias de abuso em criança são:

1. Abuso Físico;
2. Abuso Emocional;
3. Negligência;
4. Abuso Sexual.

Há enormes problemas em definir o abuso na infância porque ele é de natureza social e reflete contextos e significados culturais, relatividade cultural, raça, consciência étnica, classe, e o tempo histórico em que ele ocorre. Como o escopo desse capítulo é somente focar o abuso sexual *per si*, vamos somente defini-lo e relegar a um segundo plano as outras formas de abuso citadas acima.

Segundo o Departamento de Saúde Americano (2003), “*o abuso sexual consiste em forçar ou iniciar uma criança ou um jovem a tomar parte em atividades sexuais, esteja ou não cientes do que está acontecendo. As atividades podem envolver contato físico, incluindo atos penetrantes (por exemplo, estupro ou sodomia) e atos não-penetrantes. Pode incluir atividades sem contato, tais como levar a criança a olhar ou a produzir material pornográfico ou a assistir a atividades sexuais ou encorajá-la a comportar-se de maneira sexualmente inapropriadas*”.

É essencial saber que espécie de pessoa abusa sexualmente de crianças, isto é se pudermos “entrar na mente” de um pedófilo, teremos condições de descobrir o que o motiva e que tipo de criança corre risco. Da mesma forma seremos capazes de identificar como os pedófilos escolhem a criança, como a aliciam para aceitar o abuso e que estratégias utilizam para impedir que ela revele o abuso para outra pessoa.

Infelizmente o nosso conhecimento sobre pedófilos e abusadores sexuais de crianças é limitado, pois somente 10% chegam ao conhecimento do sistema judicial criminal. Não sabemos praticamente nada sobre os outros 90% que não foram detectados.

Alguns dados são relevantes e devem ser destacados, por exemplo: cinco a oito crianças são raptadas e mortas por ano no Reino Unido, um dado que tem permanecido nos últimos 30 anos; o maior risco de ASC está na comunidade local, nem sempre o ASC começa com rapto ou estupro; alguns abusadores (a minoria) foram vítimas de ASC e relatos de ASC praticados por crianças e adolescentes aumentaram consideravelmente ao longo dos últimos 10 anos.

Os pedófilos possuem um amplo leque de características, incluindo o espectro de comportamento “normal”, como já foi destacado no início deste artigo. Os abusadores sexuais de criança precisam ter acesso a elas, isto é, ter um *laço de confiança* e segurança tanto com os pais ou professores como com a criança que desejam. Eles não são todos iguais, pois tem padrões diferenciados de violência sexual contra a criança.

O ciclo típico de excitação do pedófilo, isto é, fantasia-masturbação-orgasmo com base em fantasias sexuais depravadas, aumenta a possibilidade para abusos de contato sexual (Sullivan e Beech, 2003, 2004, Sandberg e Marlatt, 1989) vencendo inibidores internos e contribuindo para a motivação de abusos adicionais. Quando preferências sexuais são estabelecidas, são muito difíceis de serem modificadas.

Experiências de primeira infância, com questões de poder e status, também podem influenciar o desenvolvimento do comportamento sexual, inclusive os comportamentos sexuais violentos (p.ex. exposição à pornografia ou traumas sexuais na primeira infância).

A pedofilia e o ASC são comportamentos aprendidos em que a união de fantasias e imagens de crianças é combinada com masturbação, o que tanto estabelece o comportamento sexual em relação a crianças quanto o mantém. O pedófilo associa fantasias ou imagens de crianças com excitação sexual e, assim, cada vez que ele vê crianças ou pensa nelas fica sexualmente excitado.

Essa excitação sexual e o prazer relacionado a criança conduzem à masturbação na qual o ciclo de fantasia, excitação e masturbação é repetido (condicionamento clássico ou pavloviano). O orgasmo e a ejaculação, como resultado da masturbação ligada a fantasias ou a imagem de crianças, tem um componente positivo para ele que podemos chamar de “recompensa”. Comportamentos que tem resultado prazeroso e gratificante tendem a ser mais repetidos. O pedófilo então é recompensado no ciclo de excitação por meio de orgasmo (condicionamento operativo).

O ciclo explicado acima ocorre normalmente quando o pedófilo visualiza imagens de crianças em revistas, internet, etc. e a ejaculação ocorre mais rapidamente. Porém, com o passar do tempo, somente a imagem visualizada não é suficiente para que o orgasmo e a ejaculação ocorram, cada vez mais a sensação de prazer sexual é retardada e o pedófilo parte para um estímulo real – no caso, mantendo contato físico com a criança – e obtém finalmente o prazer erótico.

De acordo com Eldridge (1984), o ciclo de violência sexual citado propõe três ciclos adicionais com o objetivo de entender como os agressores sexuais reagem depois de cometer a violência sexual e como isso influi em futuros abusos:

1. “Ciclo contínuo”;
2. “Ciclo inibido”;
3. “Ciclo de curto-circuito”, cada um deles associado a diferentes padrões de violência.

O abusador sexual ativa o ciclo contínuo de maneira contínua e consistente, mas com uma nova vítima por vez. No ciclo inibido, o agressor sexual pode se tornar bloqueado ou inibido depois de cometer um abuso sexual e, assim, tende a evitar violências sexuais adicionais por um certo período de tempo. Apesar de abster-se de cometer um abuso de contato sexual ele, no entanto, se refugia no ciclo de fantasia sexual-masturbação-orgasmo com imagens pornográficas de crianças. Isso abastece seu interesse sexual por elas e faz com que ele supere as inibições e, assim, ele sai em busca de uma nova vítima.

O ciclo curto-circuito é associado a agressores sexuais que, de maneira repetitiva, abusam da criança com quem têm contato regular como ocorre no âmbito familiar ou, ainda, de uma criança que foi aliciada antes por ele. Isso quer dizer que o abusador já aliciou previamente a criança e superou qualquer freio interno ou inibição, indo direto da repetição da fantasia para o abuso propriamente dito.

A “espiral do abuso sexual” (Sullivan) analisa a natureza de desenvolvimento e escalada do abuso, além de retratar com clareza as motivações para a violência sexual efetiva, incorporando: a) o papel da excitação sexual; b) da culpa e do medo das conseqüências; c) das distorções cognitivas; d) da fantasia e da masturbação; e) das distorções cognitivas refinadas e da preparação para o abuso, entre outras. Essa dinâmica proporciona maior flexibilidade para entender a variedade de padrões de violência sexual e pode ser aplicada a abusadores sexuais tanto do sexo feminino como do masculino.

O ciclo de abuso sexual em crianças típico envolve uma série de pensamentos, sentimentos e comportamentos interligados, que culminam na violência sexual, e incorporam padrões de comportamento viciosos e compulsivos que estão focalizados na gratificação em curto prazo. O ciclo funciona da seguinte forma:

- Predisposição para abusar sexualmente de crianças;
- Fantasia e excitação masturbatória – raiva, ansiedade, tédio, depressão, estresse;
- Pensamento distorcido;

- Comportamento de alto risco – pornografia infantil;
- Comportamento de alto risco – parques, escolas, hora do banho;
- Seleção do alvo – escolha da vítima pela idade e aparência;
- Planejamento;
- Aliciamento da vítima;
- Superação da hesitação manifestada pela vítima;
- Início do abuso;
- Manutenção do segredo;
- Remorso ou medo de ser descoberto;
- Pensamento distorcido - reinterpretação da experiência da criança e da responsabilidade;
- Comportamento normalizador;
- Manutenção do comportamento;
- Cuidados para não ser apanhado;
- Intensificação dos abusos para manter mesmo nível;

Assim que o pedófilo tiver superado todo e qualquer inibidor interno e externo, ele (ou ela) começará o processo de aliciamento. Durante essa fase, o abusador repetirá o ciclo de fantasia-masturbação-ejaculação em antecipação ao abuso sexual; o abusador está praticando o abuso em sua mente com oportunidade para elaborar e refinar suas estratégias de abuso. A fantasia permite ao abusador reviver abusos sexuais passados, que podem ser embelezados.

Finkelhor (1984) revela que quatro pré-condições precisam estar presentes antes de o abuso ocorrer. A presença de uma única condição, como a oportunidade de abusar sexualmente da criança, não é suficiente para explicar o ASC. Ele só pode ser realizado se todas as quatro pré-condições surgirem na seguinte ordem:

1. *Motivação*: o abusador potencial precisa ter alguma motivação para abusar sexualmente de uma criança. Assim, ele ou ela vai precisar encontrar crianças erótica e sexualmente desejáveis;
2. *Inibições internas*: o abusador potencial precisa superar inibições internas que podem agir contra sua motivação de abusar sexualmente;
3. *Inibições externas*: o abusador potencial tem de superar obstáculos e inibições externas antes de abusar sexualmente da criança;
4. *Resistência*: o abusador potencial tem de superar uma possível resistência da criança a ser abusada sexualmente.

Os tipos de pedófilos podem ser resumidos em pedófilos predadores e pedófilos não predadores. Os predadores são menos comuns, chamam a atenção da mídia em casos ruidosos de rapto sexual e assassinato, mas não representam a maioria dos pedófilos ativos. Pedófilos não predadores representam a maioria dos abusadores sexuais e cerca de 87% deles são conhecidos pelas crianças que são abusadas e pela comunidade. Estes dois grupos são ainda classificados em dois sub-grupos, sendo estes pedófilos regressivos e pedófilos compulsivos, sendo estes últimos molestadores compulsivos de crianças e têm idéia fixa nelas.

Os pedófilos regressivos normalmente mantêm uma relação estável com uma mulher, isto é, primeiramente sentem atração sexual por adultos, porém em

condições de estresse, eles regridem para o abuso sexual em crianças. Muitas vezes tem sentimentos de inadequação social e realiza abusos sexuais em crianças de maneira impulsiva ou como uma expressão de raiva ou hostilidade.

O pedófilo compulsivo é o tipo mais comum. Sua atenção é exclusivamente voltada para crianças. Têm relações medíocres com os colegas e só ficam à vontade quando perto de crianças. Costumam ver o seu comportamento como “normal” e, na maioria das vezes, adotam pseudopapéis de pai ou mãe. São sedutores e envolvem a criança em uma “amizade especial”. Normalmente molestam um grande número de crianças em sua carreira de abusador sexual (de 150 a 200). Utiliza-se de material erótico e pornografia infantil para masturbar-se. Seus amigos, que na maioria das vezes também são pedófilos, são aqueles com os quais troca informações, fotos e toda a sorte de material pornográfico infantil. Em geral tem mais de 25 anos, mas parece não ter nenhuma experiência de relacionamentos adultos ou de encontros com outras pessoas de outro sexo. Quando casado, a união tende a ser somente por conveniência e para que ele possa ter acesso a crianças. Seu interesse por crianças normalmente começa na adolescência. Levando em consideração a sua intuição ele tende a selecionar crianças vulneráveis. Muitas vezes oferece dicas de seu comportamento pela maneira como fala das crianças, utilizando termos como “botões de rosa limpos, puros e inocentes”. Com frequência é aceito pela comunidade, pois permanece incógnito. É comum que a comunidade não acredite nas palavras da criança que relata sua queixa, permitindo-lhe evitar que seja descoberto e exposto. Podem nunca ser pegos.

A problemática do Abuso Sexual em Crianças é cada vez mais impactante na sociedade moderna. Em decorrência desse fato, seria de primordial importância que profissionais de diversas áreas se empenhassem em entender as diversas nuances que permeiam tanto a doença como a maldade que permeiam esse assunto. No momento, segundo bibliografia recente, os estudos e pesquisas são baseados somente nos (poucos) casos que são relatados, pois a grande maioria permanece encoberta.

Concentrar-se em casos de alta visibilidade de raptos e assassinatos por estranhos é bastante enganador e pode atrair pais e crianças para um falso senso de segurança de que as pessoas conhecidas não cometerão o abuso sexual. Além disso, a idéia de que predadores do sexo infantil são estranhos não mais reflete a realidade do ASC e, na verdade, é um mito. É, portanto, primordial que pais e professores encontrem maneiras de conversar com as crianças sobre o perigo do abuso sexual tanto na família como na comunidade e não apenas em relação a estranhos.

REFERÊNCIAS:

Allender D. B. (1999). *Lágrimas Secretas*. São Paulo: Editora Mundo Cristão.

Bull R. et al. (2006). *Criminal Psychology*. Londres: Oneworld Book

B., W. (1999). *Antisocial Behavior*. New York: Prometheus Book.

D., F. (1989). *A Sourcebook on child sexual abuse*. California: SAGE Publication.

Salter A. C. (2009). *Predadores - Pedófilos, Estupradores e outros agressores sexuais*.

São Paulo: M . Books do Brasil Ltda.

As idéias e opiniões expressas nos artigos são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões do Conselho Editorial.

Sanderson, C. (2005). *Abuso Sexual em Crianças*. São Paulo: M. Books do Brasil

Editoras Ltda.